



Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas¹

Udo Tworuschka

Observações introdutórias

O termo e conceito de Ciência Prática da Religião é relativamente novo. Alguns falam da “Religionswissenschaft engagada”¹ ou “aplicado”. Em 1959 o intelectual judeu R. J. Werblowsky (1924) usou o termo “estudos religiosos aplicados” — mas rejeitou terminantemente o objeto representado desse modo: “A meu ver, não há nem razão nem justificação para uma ciência aplicada da religião”.² Friedrich Max Müller (1823-1900), pai fundador da Ciência da Religião expressou a visão tradicional: “Na vida prática seria errado adotar uma posição neutra entre pontos de vista conflitantes examinados [...] nós devemos tomar uma posição. Mas como estudantes da Ciência da Religião, nos movemos em uma atmosfera elevada e mais serena. Estudamos o erro, como o fisiologista estuda uma doença, procurando por suas causas, rastreando sua influência, especulando sobre possíveis remédios [...] mas deixando a aplicação de tais remédios para uma diferente classe de homens, para o cirurgião e para o médico prático”.³ Em 1965 o historiador da igreja Ernst Benz de Marburg tocou em uma questão delicada: “Essa restrição da Ciência da Religião de contribuir para a solução das atuais questões religiosas é, em alguns casos tão destacado que pode-se ter a impressão que alguns estudiosos teriam preferido que houvessem somente religiões mortas, isto é, extintas, enquanto elas estariam mais apropriadas para uma observação puramente fenomenológica e análise crítica e comparação como as religiões vivas”.⁴

CIÊNCIA PURA E APLICADA

A Ciência Pura e Aplicada é uma distinção da ciência do Iluminismo e remonta até o químico sueco Johan Gottschalk Wallerius (1751). A química demonstrou o que significava aplicar conhecimento científico para usos industriais. Em meados do século XIX essa divisão

1. Texto extraído do *Compêndio de Ciência da Religião*. SP: Paulinas/Paulus, 2013.

prevalecia na ciência da Filosofia: *Chemia pura* — *Chemia applicata*, lógica pura — aplicada (1806) etc. Curiosamente essa distinção não pode ser encontrada no “A Dictionary of the English Language” (1755) do Dr. Samuel Johnson. Mas já em 1750 Dr. Johnson mencionou no artigo semanal *The Rambler* “a diferença entre ciência pura, que tem a ver somente com ideias, e a aplicação de suas leis para o uso da vida” (italics UT).

A ciência pura é caracterizada pelo seu interesse exclusivo no conhecimento, ao passo que as ciências aplicadas estão interessadas em desenvolver normas, modelos e procedimentos para uma “prática baseada na ciência” com a ajuda das percepções da ciência pura. A Ciência da Religião de hoje posicionou-se em uma alternativa perspicaz ao paradigma da Ciência da Religião até os anos 1970. Aquela época é comumente reduzida por seus críticos à pura Fenomenologia da Religião embora isso não caracterize suficientemente o trabalho da vida inteira e realizações dos renomados estudiosos tais como Friedrich Heiler e Gustav Mensching ou autoridades italianas como Raffaele Pettazzoni. Ciência da Religião hoje é definida por muitos de seus seguidores como uma disciplina científica-cultural, que não está mais interessada na questão de saber se há uma verdade transcendente (e.g., no sentido do “holy” (“sagrado”) de Rudolf Otto) ou não. Esse desenvolvimento tem tendências radicais as quais levaram a uma esmagadora demolição tradicional.

Sobre o problema da “aplicação”

O filósofo francês Jacques Derrida (21930-2004) problematizou o conceito de aplicação. Subsequente ao Simpósio Applied Derrida [“Derrida Aplicado”] (1995) ele emitiu uma entrevista que talvez ajude a esclarecer o referido conceito de “aplicação”. „Se alguém vem à uma conferência com o título ‘Você Aplicado’, então você pode imaginar que você experimenta a situação que é, como se você estivesse morto. Finalmente”.⁵ Aplicação tem a ver com transformação, mudança. É um aplicativo nada rígido, inflexível que processa de cima para baixo ou de baixo para cima. O termo é derivado do francês *pli* (aplicação explicação etc.) significando a „dobra”, o espaço entre. O implícito dualismo de pesquisa pura e básica e “pesquisa aplicada” no conceito de aplicação é questionado pela compreensão desconstrutivista de utilização. Não há nem uma base segura das quais modelos de cima para baixo e de baixo para cima possam ser derivados, nem disciplinas vizinhas oferecem terra firme. Com referência do conceito de “Denkkollektiv” (coletivos de pensamento) desenvolvidos na década de 1930, pode-se explicar como ideias científicas mudam ao longo do tempo, similar à ideia posterior de Thomas Kuhn da mudança de paradigma. A ciência não é racional ou lógica e fatos são somente o que é aceito por uma determinada comunidade como verdade. Essa comunidade é definida por um estilo mental comum que conduz ao fato que todos pesquisadores veem o mesmo. Essa percepção é doutrinada para todo novo iniciante de uma ciência. Consequentemente, é fácil para cientistas da religião (alemães) mais novos geralmente diferenciar entre Ciência da Religião presumidamente certa e errada (incluindo seus respectivos luminares científicos ou coveiros).

Em Teologia Prática e ensino religioso, o conceito de aplicação tem uma conotação negativa, porque essas disciplinas tem suas próprias maneiras e métodos de pesquisa e seus próprios campos de interesse.

Ciência Prática de *Religionswissenschaft*

Várias ciências e humanidades tem uma dimensão 'aplicada'. Existem ciência(s) culturais aplicadas, Ciência do Esporte, Linguística, Política, pesquisa de mídia de criança, Matemática, Teatro, Geociências, Climatologia etc. Um *Religionswissenschaft* aplicado ou prático, como eu prefiro dizer, encontra dificuldade para se estabelecer e ser reconhecido nas universidades alemãs.

O termo Ciência Prática da Religião se refere a um modelo de Ciência da Religião ilimitado, inter e transdisciplinar, que incentiva e promove ação orientada crítica, comunicativa, política-social da Ciência da Religião. Direciona a atenção do pesquisador para a percepção de indivíduos religiosos e seus modos específicos de percepção bem como na percepção de diversas religiões vivas no "mundo vivo" (*Lebenswelt*, Alfred Schütz). Lida com pessoas religiosas vivas ou grupos de pessoas apreendendo suas experiências/percepções. Comunicação com e entre pessoas de diferentes origens, compreensão de horizontes e jogos linguísticos (*Sprachspiele*) se tornam o modo básico da Ciência Prática da Religião. Essa disciplina tem uma abordagem indutiva e usa métodos empíricos. A Ciência Prática da Religião refere-se a outras Ciências Humanas e cobre toda a largura de tentativas psicológicas, sociológicas, epistemologicamente fundamentadas (termos base: Etnometodologia, Sociologia Fenomenológica etc.). A Ciência Prática da Religião não somente percebe, descreve e analisa ações. Também lida com "processos de mediação" por diferentes meios de comunicação. Analisando realidades presentes e problemáticas a Ciência Prática da Religião quer facilitar "melhores" realidades no futuro a partir de ação refletida de resolução de problemas (componente normativo). Os interesses dessa nova disciplina da Ciência da Religião são entre outras coisas pacificadores, humanizadora e restringindo conflitos. A Ciência Prática da Religião não é só um *Religionswissenschaft* 'aplicado' de cima para baixo transferindo conhecimento pretense e inquestionável da área alegadamente de "atmosfera elevada e mais serena" (Friedrich Max Müller) para o fundo do mundo cotidiano de hoje e seus problemas. Ciência Prática da Religião se vislumbra como uma combinação de vários diferentes campos de estudo (Ciência da Religião, Ciências Sociais, Psicologia, Fenomenologia, Linguística e estudos culturais, Ética aplicada, Teologia prática etc.). Uma Ciência Prática da Religião interdisciplinar ou transdisciplinar está interessada em desenvolver normas, modelos, tarefas organizacionais para ação. Ciência Prática da Religião não é apêndice nu da supostamente pura Ciência da Religião. É uma disciplina com uma identidade própria, opções teóricas típicas, questões, procedimentos metodológicos, e um viável i.e., é benéfico, interesse epistêmico útil bem como uma área de assunto própria. Em contraste com o interesse epistêmico tradicional ainda faz perguntas sobre realidade objetiva, a Filosofia

construtivista lida com o processo cognitivo e seus resultados e impactos. A Ciência Prática da Religião gera conhecimento praticamente útil e utilizável. De acordo com a visão construtivista radical, o conhecimento é viável se torna nossa orientação em nosso cotidiano mais fácil, justifica nossas ações, torna nossa sobrevivência possível, se ele se adapta ao meu ambiente e ajuda a alcançar meus objetivos. A questão é irrelevante se esse conhecimento é objetivamente verdadeiro. A problemática diferença verdade versus não é verdade “é substituída pela oposição útil versus não útil”. Tal viés da Ciência Prática da Religião não significa de forma alguma que o acadêmico deveria jogar os velhos princípios científicos ao mar. “Objetividade” como um princípio científico regulador que ainda vale a pena lutar!

Mentores da Ciência Prática da Religião

Ao procurar por mentores da Ciência Prática da Religião no século XX, encontra-se três acadêmicos eminentes: Gustav Mensching (1901-1978), Mircea Eliade e Wilfred Cantwell Smith. Eles estão entre os mais conhecidos, mas provavelmente não são os únicos nessa disciplina da história ainda a ser escrita.

Gustav Mensching e Mircea Eliade (1907-1986) — ambos são criticados de acordo com a opinião dominante de hoje como “fenomenologistas da religião”, portanto desatualizados coveiros da Ciência da Religião — publicados além do estreito círculo representantes profissionais. Eles tiveram a coragem de deliberadamente abordar seus trabalhos para um público geral. Ambos tinham uma mensagem e desejavam mudar seus destinatários/receptores/beneficiários existencialmente por meio de seus trabalhos científico-religioso. Esta é uma série genuína prática de seu trabalho. Mensching pleiteava por tolerância desde os anos 1920. Em tempos teologicamente imutáveis ele chamou atenção para uma compreensão de outras religiões e argumentou que principalmente em todas as religiões o “encontro com o Sagrado” é possível. Eliade queria “despertar” seus leitores, levá-los a um “choque espiritual”, abrir e alterar, assim, os horizontes da compreensão de seus receptores. Eliade defende um diálogo religioso livre de provincianismo cultural, cultivando a base para compreensão desses mundos estrangeiros.

ABORDAGEM DE GUSTAV MENSCHING

Provavelmente um dos primeiros estudiosos a tomar conhecimento da perspectiva prática de Religião Comparativa de Mensching (1901-1978) foi o sucessor e discípulo de Mensching no Instituto Bonn para Religião Comparativa, Hans-Joachim Klimkeit (1939-1999). Em sua miscelânea para o aniversário de 70 anos de Mensching, ele escreveu: “Outros livros como *Tolerância e verdade na religião* (1955) e *Der Irrtum in der Religion* (1969) levantam ques-

tões abordadas em obras anteriores, aplicando as compreensões obtidas ali para os problemas abordados aqui. Eles representam, por assim dizer, obras de religião comparada aplicada”.⁶

No estudo ético de Mensching “Gut und Böse im Glauben der Völker” (“Bem e Mal na Fé dos Povos”, 1941) Mensching estabelece o limite em “ética como ciência normativa”: “Nós não temos nenhuma finalidade prática” Ainda na segunda edição (1950) Mensching observa: “Não pode haver dúvida de que em nosso mundo, que está caindo aos pedaços, o postulado da consciência do mundo deveria apresentar queixa contra toda a desumanidade em nossos dias. As religiões são os guardiões designados da consciência universal. Para que tal consciência do mundo seja possível baseia-se no fato de que as religiões do mundo estão em completo acordo em muitas questões centrais de conduta ética e atitude. Nosso estudo justifica o pedido para isso”.⁷ Vinte anos depois Mensching formulou no “Folhas para estudos vocacionais: Religionswissenschaft”: “Em função da situação do mundo transformado, ela (i.e. Religião Comparativa) pode e deve servir os propósitos práticos”.

Mensching enfatizou que a Ciência da Religião tem o desafio de compreender a religião/ões, mas não deveria fazer nenhum julgamento. Por outro lado Mensching estava altamente comprometido com tolerância religiosa. No século XX Mensching foi um importante pioneiro da tolerância religiosa. Seu trabalho acadêmico “Tolerância e Verdade na Religião”⁸ foi traduzido em várias línguas (inclusive japonês e persa) e pode ser lido no today’s view como exemplo de Religionswissenschaft Prático. A intenção é de participar ativamente da pacificação do mundo (religioso), e incentivar a tolerância mútua entre religiões. Mensching reivindica o “postulado da tolerância” como um problema “que requer uma solução pela humanidade religiosa”.⁹ “Nesse livro nós devemos discutir o problema da tolerância e intolerância em seus múltiplos aspectos na base de um compreensivo estudo comparativo de religiões. Desnecessário dizer, nosso estudo será realizado academicamente o mais objetivo possível. Entretanto, eu acredito que o problema da tolerância não seja somente uma questão acadêmica interessante mas também uma questão de preocupação humana que afeta a vida do homem de forma mais profunda hoje [...]. Em consideração ao problema em jogo nós deveríamos como (d) esse estudo sobre tolerância ser acessível para aqueles que não receberam formação acadêmica na área”.¹⁰

A monografia de Mensching *Der Irrtum in der Religion* (O erro na religião, 1969) é escrito em um espírito religioso e eclesiasticamente crítico. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) escreveu em seu último discurso, “Scholarship with commitment” (“Erudição com compromisso”, 2001): “Há na mente da maioria das pessoas educadas, especialmente em ciência social, uma dicotomia a qual me parece inteiramente prejudicial: a dicotomia entre *scholarship* e *commitment* — entre aqueles que se dedicam ao trabalho científico, realizado de acordo com os métodos acadêmicos e destinados a outros estudiosos, e aqueles que estão empenhados e que levam sua erudição para o mundo exterior. A oposição é artificial e, na verdade, você tem que ser um acadêmico independente, que trabalha de acordo com as normas

da erudição para ser capaz de produzir uma erudição comprometida que é uma *scholarship with commitment*".

Para ser um acadêmico verdadeiramente engajado, empenhado em conhecimento. E esse conhecimento não é adquirido exceto pelo trabalho de erudição, realizado de acordo com as normas da comunidade acadêmica. Colocado de outra forma, nós temos que superar uma série de obstáculos que estão em nossas cabeças e que tem uma forma de autorizar-nos a desistir: começando com o estudioso que se tranca em sua torre de marfim. A dicotomia entre *scholarship* (erudição) e compromisso confirma o pesquisador em sua boa consciência, porque ele recebe a aprovação da comunidade científica. É como se os intelectuais acreditassem serem eles estudiosos duas vezes porque eles não fazem nada de sua ciência. Mas no caso de biólogos, isso pode ser criminal. É igualmente sério no caso de criminologistas. Essa reserva, essa fuga para a pureza, tem consequências sociais muito sérias. As pessoas como eu, pagas pelo Estado para fazer pesquisa, deveriam proteger os recursos de sua pesquisa com zelo para seus colegas? É absolutamente fundamental submeter o que se acredita ser uma descoberta primeiro às críticas dos colegas, mas por que reservar a eles a conquista coletiva e o controle do conhecimento?"¹¹

Pode-se ler os dez capítulos do livro de Mensching como Decálogo da tendência quase inextirpável de estupidificação (religiosa) do homem. De acordo com Mensching é a função da Religião Comparativa entre outras de criticamente informar os crentes sobre suas respectivas tradições religiosas, a fim de torná-los mais autorreflexivos. Convicções ingênuas servem para serem destruídas; mitos e lendas são para serem destruídos a fim de fomentar uma compreensão moderna e atualizada de religiões. Eu li o texto de Mensching de 1969 através dos olhos do Religionswissenschaft Prático, que pode fazer sua contribuição em um mundo, caracterizado por muitos conflitos baseados em religião. Em sua introdução desse livro Mensching dá ênfase por um lado que „decisões de fé e crença, de verdade ou erro não podem ser objeto da Religião Comparativa conhecendo seus limites.¹² Ainda por outro lado ele foca os interesses da Religião Comparativa no sentido das consequências problemáticas de atividades religiosamente motivadas.

ABORDAGEM DE MIRCEA ELIADE

O programa de Mircea Eliade (1907-1986), de um “novo humanismo”, “criativo” ou “hermenêutica total” mostra abordagens práticas ao Religionswissenschaft de um tipo diferente. Com um grande senso de missão Eliade atribui um papel-chave para o historiador da religião entender nossa situação intelectual presente. O arrojado e ousado programa de Eliade de “hermeneutica total” consiste “em decifrar e explicar cada tipo de encontro de uma pessoa com o sagrado [chamado ‘hierofania’] desde tempos pré-históricos até o presente”. Eliade é inspirado pela visão de transformar não europeus, especialmente material de indianos, arcaicos etc. em

“mensagens espirituais” para hoje. A “hermenéutica criativa” tem a missão de promover um “novo humanismo global”. Por causa de sua “dimensão educacional” Eliade considera a História da Religião como capaz de mudar o pesquisador e seus públicos, criando, assim, novos valores culturais.

ABORDAGEM DE WILFRED CANTWELL SMITH

Para Wilfred Cantwell Smith (1916-2000) o objetivo do Religionswissenschaft reside declaradamente no diálogo: “A atitude tradicional de erudição ocidental no estudo da religião de outros homens era a de uma apresentação impessoal de um ‘isto’. A primeira grande inovação nos últimos tempos foi a personalização das fés observadas, de modo que encontra-se uma discussão de um ‘eles’. Atualmente o observador torna-se pessoalmente envolvido, para que a situação seja a de um ‘nós’ falando sobre um ‘eles’. O próximo passo é diálogo onde ‘nós’ fala para ‘você’. Se houver escuta e reciprocidade, isso pode tornar-se que ‘nós’ fala ‘com você’. A culminação desse progresso é quando ‘nós todos estamos falando’ uns com os outros sobre ‘nós’”.¹³ Religionswissenschaft pode desempenhar um papel educacional eminente em diálogo e, portanto, tem uma tarefa prática: educar os estudantes que podem realizar o papel de intermediários e intérpretes entre duas tradições religiosas. Pelo contrário, até mesmo isso é verdade das instituições religiosas como tais.

Metas práticas da *Religionswissenschaft* Prática

Em face dos levantes dramáticos sociais e políticos ao redor do mundo, a Ciência Prática da Religião hoje se encontra situada em contextos alterados ou até mesmo novos. A *Religionswissenschaft* Prática se tornou parte de comunicação e processos de reflexão. Ele faz um esforço para reagir contra problemas urgentes induzidos pelas religiões com os meios da Ciência Prática da Religião. Participa na resolução a resolver esses problemas, comunica seus pensamentos para as pessoas que trabalham nesses campos práticos. Durante os últimos anos, as Ciências Sociais vem avaliando a religião e espiritualidade de novo e de forma mais positiva. As religiões não são mais sistemas marginais efêmeros para a análise política e social da realidade. Hoje em dia alguns analistas sociais calculam com muito mais força o fator religião/ões sempre que a avaliação complexa, local ou global da situação e estratégias práticas deveriam ser planejadas para processos de desenvolvimento sustentáveis. Essa mudança de paradigma tem emergido em várias áreas de pesquisa diferentes: política social, mediação, Ciência Política, estudos de conflitos, planejamento familiar, bioética, migração, gestão, relações internacionais, religião, direito, Economia e ética profissional, ética transcultural, para citar apenas algumas áreas de pesquisa. O perfil em relação ao conteúdo do Religionswissenschaft Prático reside em seu foco em problemas sociais, individuais e societários. No que diz respeito às futuras

questões pertinentes preocupadas que Religionswissenschaft Prático possa fazer uma importante contribuição à decodificação, tomada de decisão, planejamento e implementação.

Questões individuais e sociais de toda a cultura societal

Seja sobre os métodos pelos quais as pessoas são geradas ou mesmo “produzidas”, sobre restrição da moça ou o problema do véu: a Ciência Prática da Religião pode trazer em sua competência instituições de caridade, serviços sociais, centros de aconselhamento religiosos. A Ciência Prática da Religião pode ser ‘aplicada’ no turismo, áreas ocupacionais específicas para imigração, cuidado estrangeiro, trabalho social e cuidado geriátrico. Os trabalhadores imigrantes turcos na Alemanha estão envelhecendo e se tornaram pensionistas nesse meio tempo. Trabalhar com a educação de adultos e idosos oferece uma vasta gama de atividades para a Ciência Prática da Religião. Pertence aos principais objetivos básicos da Ciência Prática da Religião produzir informações sobre as características religiosas de estrangeiros ou até mesmo pessoas desconhecidas a fim de promover uma melhor compreensão das culturas, e esperançosamente diminuir e eliminar preconceitos.

No campo de saúde/doença a competência de Religionswissenschaft Prático se tornou indispensável, também. O problema de e.g. Mulçumanos no hospital envolve um vasto espectro relevante para Religionswissenschaft Prático: Comida, importância de visitas, fotos públicas, oração, sofrimento e contato com pessoas mortas, enterro. Vários campos do jornalismo, a área de diplomacia, consulta e atividades de instrução dentro do contexto internacional são campos integrais e substanciais de atividade para a Ciência Prática da Religião.

Muitas sociedades de hoje são formadas por “fatos pluralismo” (John Rawls). Esta não é, definitivamente, nenhuma aparência passageira, mas um sinal duradouro da cultura política das democracias modernas. À luz do pluralismo de valores factualmente existente, a Ciência Prática da Religião pode se concentrar no campo de pesquisa e prática de mediação de conflitos. Mas: Conhecimento sobre a prática não é suficiente; conhecimento para praticar está em jogo. Ele tem a ver principalmente com a criação de conhecimento aplicável.

Crítica de(a) religião(ões)

O segundo problema de campo da Ciência Prática da Religião é a crítica da religião para o propósito do tratamento crítico das religiões. A vagueza religiosa dos nossos dias ofereceu o fato como um pato leva para a água que mais e mais contemporâneos mergulham em mundos religiosos estrangeiros. Muitos estudantes tem perguntas para a Ciência da Religião decorren-

tes do horizonte do mundo atual das religiões e/ou resultante de encontros com adeptos de outras religiões.

Não só alunos feministas se interessam por assuntos específicos para mulheres, tomam partido comprometidamente se o papel da mulher ou problemas sexuais-éticos estão em discussão. Muitos são motivados por questões sobre justiça, paz e integridade de criação. Mais e mais contemporâneos esperam da Ciência da Religião orientação e guia para a prática, i.e. facilidades para uma classificação crítica de fenômenos religiosos ou religiosamente instrumentalizados.

A “crítica de religião/ões” tem sido controversamente discutida dentro da Ciência da Religião. Desde o Iluminismo e a tese da secularização da religião (sg.) tornou-se objeto de crítica. O fato de que as próprias religiões oferecem potenciais críticas tornou-se visível em diferentes movimentos de renovação religiosa.

Julgar tradições religiosas de seus próprios critérios éticos — “crítica interna das religiões”, como eu prefiro chamá-la — é menos problemática que “crítica externa” decorrente de padrões externos que precisam ser revelados. A Ciência da Religião estando interessada na verdade histórica se depara com fronteiras se mais do que a verdade histórica for exigida. Fanatismo religioso, radicalismo, fundamentalismo, terrorismo, escravidão, supressão das mulheres são fenômenos religiosos que não podem ser analisados de forma acrítica no entanto. Mesmo dentro das tradições religiosas tal atitude mental e justificação são extremamente criticadas, em certa medida. Uma das tarefas mais importantes da Ciência Prática da Religião é demonstrar a diferenciação interna de tradições religiosas o mais claro possível. Embora uma suposta maioria dos colegas irá opôr-se: Não há necessidade da Ciência Prática da Religião parar lá e representar um ponto de vista insípito e esgotado, frequentemente sem visão alguma. No entanto, não manifestar opinião é definitivamente um ponto de vista.

Johann Gottfried Herder (1744-1803) ilustra um exemplo apropriado para a Ciência Prática da Religião que não deveria parar para oferecer uma posição qualquer q seja. Em seu ensaio “Vom Fortschreiten einer Schule mit der Zeit” (1798) Herder procura por uma porta dos fundos do relativismo cultural. Pupilos deveriam aprender “a admirar [...] e a amar”, ainda devem ser capazes de avaliar estranhos fenômenos culturais. Eles ainda tem que aprender a “odiar, desprezar, abominando o que é repugnante, hediondo e depreciativo, caso contrário nós nos tornaremos assassinos mentirosos e desleais da história da humanidade”.¹⁴ “Liga das Nações Religiosa” (Religiöser Menschheitsbund) de Rudolf Otto, fundada em 1921, foi animada por tal espírito. A intenção da Liga foi criar o “se tornar consciente da humanidade”. Hans Küng viajou ao redor do mundo e fez campanha por valores éticos básicos que são inalienáveis e inegáveis independentemente da religião e nacionalidade através de seu “Projeto Mundo Ethos”. De acordo com Küng há um código mínimo de conteúdo de um humanismo que é expressado na explicação dos Direitos Humanos das Nações Unidas. As críticas de Küng repetidas vezes

apontam para o fato de que um consenso mínimo em uma ética mundial permanece abstrata e formal demais para ser capaz de se tornar concreto e prático.

Os objetos da Ciência Prática da Religião, suas afirmações, textos escritos e verbal potencialmente alteram existência. Eles querem dar conselhos, fornecer opiniões, para que os destinatários possam deixar seu estado de desorientação. Invés da construção de um mundo-ético com consenso mínimo as tradições religiosas deveriam ser testadas para sabedoria profunda e posições básicas. Entre diversas tradições religiosas há não somente diferença, pluralidade arbitrária, incompatibilidade completa. Efetivamente existem áreas sobrepostas com convicções concordantes.

Mediação da(s) religião(ões)

A Ciência Prática da Religião concentra-se em religiões concretas do passado e do presente. O pesquisador sempre se depara com religião(ões) como uma entidade composta de diferentes dimensões: comunidades, ações, ensinamentos, experiências. A investigação de religião(ões) requer a consideração adequada das inter-relações das religiões, suas imagens uma das outras, os determinantes políticos-econômico-sociais bem como sua mediação distribuidora e múltipla para o público em geral. Eu uso para distinguir entre formas primárias e secundárias de mediação religiosa. Mediação primária tem a ver com os conteúdos e processos de mediação da própria religião de alguém para as próprias crianças e adolescentes de alguém (i.e. RE). Mediação secundária é sobre as agências e impactos de mediação por comunicadores, mídia e destinatários públicos não pertencentes a uma determinada tradição religiosa. Religiões são usadas publicamente: em discursos, cultura popular como quadrinhos, romances de ficção científica e filmes, histórias criminais, desenhos animados, até mesmo em propaganda comercial. A mídia transporta informações em uma extensão considerável sobre outros países, culturas e religiões.

Aprendizagem social ativa experiencial

Uma quarta área da Ciência Prática da Religião é o campo do que pode ser chamado de aprendizagem experiencial. O comportamento religioso dos povos individuais não pode ser suficientemente compreendido olhando simplesmente para seus escritos sagrados e os comentários eruditos de seus intérpretes. É preciso ir até as pessoas, métodos empíricos tem de ser empregados. Em um seminário sobre “Comer e Beber em tradições religiosas” na Universidade de Colônia diversos grupos de trabalho tiveram que se preocupar com questões sobre comida sagrada permitida/proibida em diversas tradições religiosas Judaica, Islâmica, Asiática e Cristã. Algumas perguntas foram dadas, outras os alunos tiveram que elaborar por si mesmos. Os participantes estabeleceram contatos com mulçumanos, judeus, budistas e cristão

ortodoxos, fizeram refeições comuns com representantes de tradições religiosas. Assim, um acesso incomum a uma tradição religiosa estrangeira foi possível. Tais encontros com pessoas de outras religiões e fés com quem os alunos podem se comunicar, beber e comer, demonstra as vantagens de aprendizagem ativa, social e experiencial. Eles confirmaram que já no estudo da universidade esse tipo de aprendizagem religioso-científica leva a prontidão e capacidade de cooperação inter-religiosa.

Aprendizagem Inter-religiosa

A ideia de Ninian Smart (1927-2001) de fundar uma “Academia Mundial das Religiões” onde acadêmicos e representantes de religiões poderiam se encontrar para trocar ideias foi atacada pelo Conselho dos Guardiões da Ciência da Religião.¹⁵ Desde o Congresso de Marburg (1960) a Ciência da Religião e religião/ões tiveram que ser separados de uma vez por todas. Os signatários do Congresso de Marburg favoreceram Religionswissenschaft como uma disciplina científica.

Qualquer que seja o uso subsequente feito pelo indivíduo acadêmico de seu conhecimento especial e qualquer que seja a função sociológica analisável da atividade científica em qualquer situação histórica e cultural específica, o *éthos* (sistema de valores) de nossos estudos em si mesmos [...]. Pode ou pode não ter espaço para organizações nas quais estudantes de religião se juntam com outros a fim de contribuir a sua parte para promover certos ideais — nacional, internacional, político, social, espiritual e de outra forma. Mas essa é uma questão de ideologia individual e compromisso, e não deve, em circunstância alguma, ser permitido a influenciar ou falsear o caráter do IAHR” (Associação Internacional de História das Religiões).

Essa máxima tem em si próprio um caráter zeloso ‘religioso’ e claramente lembra afirmações dogmáticas clericais do seguinte tipo: “Se alguém diz [...], *anathema sit*”. Mas Zwi Werblowsky, que formulou esses “pressupostos mínimos básicos” da declaração radical de Marburg, representa uma visão old-school da ciência e teoria científica — julgada de Derrida e seu conceito de aplicação. 50 anos depois Marburg deveria ter chegado ao ponto onde não há ciência sem responsabilidade.

Em seu ensaio “Responsabilidade de Cientistas” (1968) o escritor americano, dramaturgo, romancista e psicoterapeuta Paul Goodman (1911-1972), mais conhecido como crítico, escreveu frases que podem facilmente ser aplicadas a Ciência Prática da Religião: “Desde que na era moderna a tecnologia científica tem efeitos potencialmente, realmente destrutivos e profun-

dos, para o meio ambiente, a escala humana, qualidade de vida, e liberdade humana, cientistas tem que assumir a responsabilidade pelas aplicações tecnológicas que eles viabilizam:

- (a) Eles devem recusar-se a cooperar com aplicações que sejam humanamente duvidosos.
- (b) Eles devem avaliar e criticar aplicação tecnológica
- (c) Eles são responsáveis por explorar os efeitos remotos de aplicação tecnológica.
- (d) Eles devem informar o público sobre suas descobertas na área.
- (e) Para compensar a negligência do passado, eles devem se engajar em atividade política para tentar desfazer o dano que eles tem cooperado a produzir), e.g. em armamentos ou perturbação a ecologia".¹⁶

A história das religiões que entram em contato uma com a outra acelerou depois de Marburg. O mapa da disseminação geográfica das religiões tem que ser traçada de novo. Diálogo — a palavra sinal para certas tendências de atitude e comportamento é um conceito emocionalmente altamente ocupado com um campo semântico vago. Na nossa área de problemas o termo diálogo significa processos comunicativos mútuos em níveis diferentes:

1. A Ciência Prática da Religião encoraja cooperação inter e/ou transdisciplinar com as ciências empíricas (Ciências Sociais, Psicologia, ciências culturais, Teologia Prática etc.).
2. Ciência Prática da Religião se refere a relação de ciência e religião(ões). A mera existência da Ciência da Religião não somente serviu para conhecer a autoimagem das tradições religiosas mas também para mudar isso. Sua pesquisa histórica-crítica tem sido de grande benefícios para o processo de purificação das religiões. Abalou a ingênua autoconfiança das religiões, relativizou reivindicações concorrentes ao absoluto. Ciência da Religião Filológica-histórica também de forma indireta e involuntariamente levou influência sobre correntes de pensamento embora pequenas, influentes dentro diferentes religiões. Foi, em parte, um gatilho para novas orientações e movimentos da Renascença.
3. A função crítica da Ciência Prática da Religião e seu impacto sobre a religião é só um lado da moeda. Não menos relevante são — ao contrário — os efeitos da religião na Ciência da Religião. Essa perspectiva tem consequências para a Ciência da Religião: Os crentes deveriam ser isentos de seu *status* de objeto e participar de maneira dialógica como parceiros nas investigações.
4. A Ciência Prática da Religião diz respeito a processos de comunicação não somente entre as ciências, não tem apenas a ver com a interação entre religião e tradições religiosas. A Ciência Prática da Religião diz respeito além da relação de diferentes religiões umas com as outras e com aprendizagem inter-religiosa. Até agora estudos dos processos e estudos teórico-metodológicos de aprendizagem inter-religiosa são pouco representadas em Ciência da Religião. A Ciência Prática da Religião pode ser um fator de reorganização desejável na relação de religiões de uma a outra:
 - Por instigação orientada de pesquisa de campo e apresentação adequada dos resultados, Ciência Prática de Religiões deveria colocar os problemas das relações históricas e sistemáticas entre as religiões e do Cristianismo mais forte no centro de sua pesquisa

- Uma tarefa importante da Ciência Prática das Religiões é investigar as atitudes recíprocas, preconceitos e estereótipos. Juntamente de outras disciplinas Ciência Prática da Religião analisa a surgimento e transmissão de atitudes fatais e padrões de percepção.
- Ciência Prática da Religião proporciona assistência para o diálogo (em diferentes níveis) ao fornecer aos respectivos representantes das tradições uma visão abrangente e matizada de religiões.

Referências bibliográficas

- BENZ, Ernst. Die Bedeutung der Religionswissenschaft für die Koexistenz der Weltreligionen heute. *IAHR* (1968).
- CANTWELL SMITH, Wilfred. Comparative Religion: Whither and Why? In: OXTOBY, Willard G. (ed.). *Religious Diversity*; Essays by Wilfred Cantwell Smith. New York: 1976. pp. 138-157.
- DERRIDA, Jacques. *As if I Were Dead/Als ob ich tot ware*. 2. ed. Wien: 2004 (originally 1995).
- GANTKE, Wolfgang. Hat die Religionsphänomenologie angesichts des veränderten interkulturellen Kontextes noch eine Zukunft? Zur engagierten Religionswissenschaft. In: *Wege zur Religionswissenschaft*; eine interkulturelle Orientierung. Nordhausen: 2007. pp. 49-78.
- HERDER, Johann Gottfried. *Werke XXX*. 1978. Bd. XXX, pp. 239-249.
- KLIMKEIT, Hans-Joachim. Prof. Dr. h. c. Gustav Mensching. *ZRGG*, v. 31 (1979), pp. 203-205.
- MALLEY, Brian E. Toward an Engaged Religious Studies. *Bulletin of the Council of Societies for the Study of Religion*, v. 26 (1997).
- MENSCHING, Gustav. *Gut und Böse im Glauben der Völker*. Stuttgart: 1950.
- _____. *Der Irrtum in der Religion*. Heidelberg: 1969.
- _____. *Tolerance and Truth in Religion*. Alabama: 1971 (orig. 1955).
- MÜLLER, Friedrich Max. *Introduction to the Science of Religion*; Four Lectures. Varanasi: 1972 (orig. 1870).
- ZWI WERBLOWSKY, R. J. Die Rolle der Religionswissenschaft bei der Förderung gegenseitigen Verständnisses. In: LANCZKOWSKI, Günter (ed.). *Selbstverständnis und Wesen der Religionswissenschaft*. Darmstadt: 1974. pp. 180-188.
- MARTIN, Luther H.; WIEBE, Donald. On Declaring WAR: a Critical Comment. *Method and Theory in the Study of Religion*, v. 5, n. 1 (1993), pp. 47-52.

Notas

- ¹ Gantke, Hat die Religionsphänomenologie angesichts des veränderten interkulturellen Kontextes noch eine Zukunft?, pp. 49-78; Malley, Toward an Engaged Religious Studies.
- ² Zwi Werblowsky, Die Rolle der Religionswissenschaft bei der Förderung gegenseitigen Verständnisses, p. 180.
- ³ Müller, *Introduction to the Science of Religion*, p. 7.
- ⁴ Benz, Die Bedeutung der Religionswissenschaft für die Koexistenz der Weltreligionen heute, p. 8.
- ⁵ Derrida, *As if I Were Dead*.
- ⁶ Klimkeit, Prof. Dr. h. c. Gustav Mensching, p. 6.

⁷ Mensching, *Gut und Böse im Glauben der Völker*, p. viii.

⁸ *Tolerance and Truth in Religion*.

⁹ *Ibid.*, p. 3.

¹⁰ *Ibid.*, p. 9s.

¹¹ http://www.interdiamfa.org/imd501/index.php?pg=blog&post_id=257

¹² Mensching, *Der Irrtum in der Religion*, p. 5.

¹³ Cantwell Smith, *Comparative Religion*, p. 142.

¹⁴ Herder, *Werke XXX*, p. 243.

¹⁵ Martin; Wiebe, *On declaring WAR*, pp. 47-52.

¹⁶ <http://www.nybooks.com/articles/archives/1968/apr/11/responsibility-of-scientists/?pagination=false>